

A legião de Euclides da Cunha

FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: O SURGIMENTO DO EUCLIDIANISMO

eram nove horas de uma manhã quase cinzenta quando cheguei ao Edifício Cândido Mendes, no Rio de Janeiro do dia 3 de maio, uma sexta-feira. Estava ali para entrevistar o filho de um dos maiores euclidianistas, o advogado e ensaísta Alberto Venâncio Filho, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Seu pai, Francisco Venâncio Filho, além de autor de uma bíblia euclidianista, *A Glória de Euclides da Cunha*, foi uma espécie de iniciador do culto à personalidade de Euclides, no Rio de Janeiro, alguns anos depois de sua morte. Eu não podia supor que começaria ali uma aventura fascinante que me envolveria por quase dois meses. Não suspeitava o que viria pela frente, mas certamente mergulhar no mundo de Euclides da Cunha é se banhar numa água povoada de mitos – muitos deles quase religiosos. Neste 2002, em que se completa o centenário de *Os Sertões* – e 90 anos da Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo –, os mitos em torno do portentoso escritor, tragicamente desaparecido,

FRANCISCO COSTA
é jornalista.

estão mais vivos que nunca. No momento em que comecei o trabalho de reportagem, não poderia avaliar a extensão do que acabo de escrever.

Sou recebido num escritório de advocacia muitíssimo bem decorado. Alberto Venâncio Filho é um cavalheiro. De terno e gravata, ele me acolhe com certo prazer e começa fazendo perguntas sobre São Paulo. Cabelos grisalhos, cortados quase à escovinha, rosto redondo, sua voz é rápida e está mais para o grave. Ele quer saber como está a USP – e dentro de alguns momentos vou saber mais exatamente por quê.

Começo a entrevista com certa dificuldade: é que a vista – uma paisagem marinha carioca da gema – é de uma beleza inebriante. “Gostaria de começar”, diz o senhor de 68 anos à minha frente, “homenejando um dos maiores amigos de Euclides da Cunha, Reinaldo Porchat, que foi o primeiro reitor da Universidade de São Paulo e uma pessoa de raro brilho pessoal”. Com este início, já começa a tomar forma a confraria em torno de Euclides, confraria que acompanhou cada um dos passos por onde passei.

Venâncio conta que no ano da morte de Euclides, 1909, Reinaldo Porchat lhe mandou um cartão de boas festas. Outra notícia de Porchat dá conta de que, em 1946, por ocasião da morte de Francisco Venâncio, o “primeiro euclidiano”, ele teria afirmado

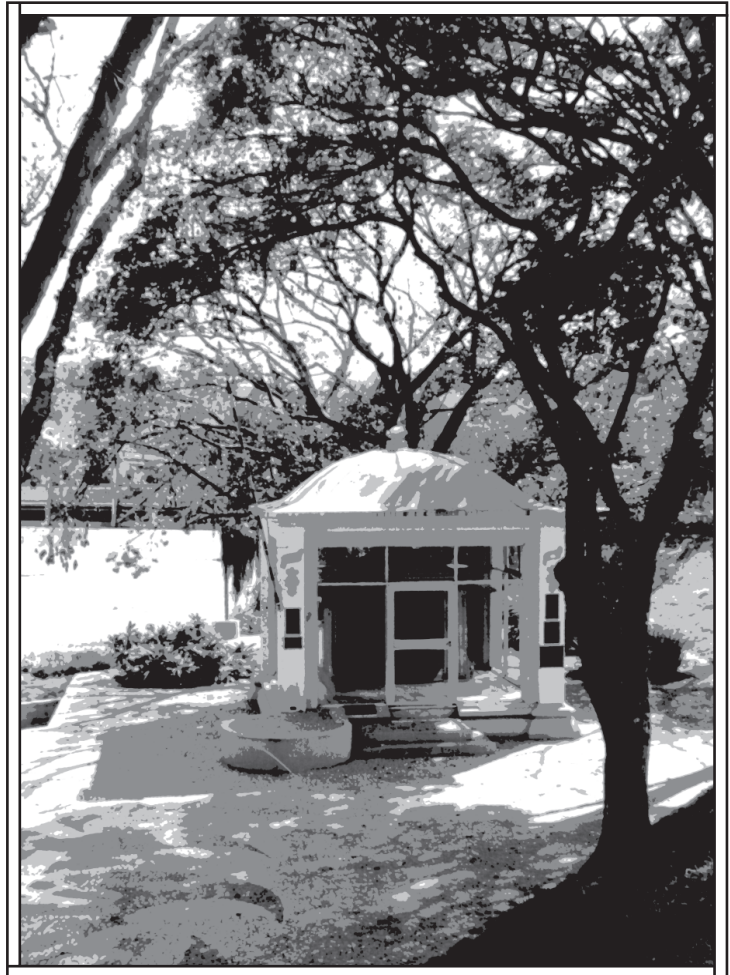


Foto: Osvaldo José dos Santos

no enterro do amigo, com todas as palavras: “Venâncio Filho foi o pedestal da glória da obra de Euclides da Cunha”. Mais uma: Madame Neu, a primeira tradutora de *Os Sertões* para o francês (*La Terre de Canudos*), dedicou justamente sua obra a Porchat, a Afrânio Peixoto e a Venâncio Filho (“o grande euclidiano”).

Algumas informações sobre Francisco Venâncio Filho. Ele nasceu no Rio de Janeiro em 14 de abril de 1894 e, segundo supõe

A cabaninha de Euclides em São José do Rio Pardo

o filho, a admiração por Euclides surgiu na época em que estudou no Colégio Aquino – o mesmo que o grande autor frequentou. Em 1914, Venâncio escreveu um artigo sobre a data de nascimento de Euclides da Cunha (até então controversa), com base na certidão de batismo, para o jornal *O Comércio*. No ano seguinte, ele assinaria “Notas Bibliográficas” (sairia em 1931 o texto “Notas Biobibliográficas”).

O fato é que em 1918 Francisco Venâncio Filho foi até São José do Rio Pardo, não só para conhecer a famosa barraquinha em que Euclides escreveu grande parte de *Os Sertões*, como para conhecer o movimento em prol da memória do grande escritor, que ali começava a se articular. Voltou entusiasmado e passou a viajar com certa regularidade a Rio Pardo.

Já com a Semana Euclidiana instituída em 1938, Francisco Venâncio Filho foi o conferencista oficial da Semana no ano seguinte (ano do tombamento da barraquinha), com o seguinte tema: “A glorificação de Euclides da Cunha”. Em 1946, ao passar por São Paulo a caminho de Rio Pardo para mais um evento, Venâncio sofreu uma trombose, vindo a falecer na capital paulista. O movimento euclidiano perdia ali seu primeiro grande empreendedor. Antes de falecer, Venâncio doou ao Grêmio Euclides da Cunha o seu acervo do escritor.

Alberto Venâncio, aos poucos, vai discorrendo sobre os amigos de Euclides, que ele aprendeu desde pequeno a admirar. Nomes como Alberto Rangel, Afrânio Peixoto, Francisco Escobar, Júlio Mesquita, Coelho Neto e muitos outros vão se sucedendo em episódios que marcaram a vida e a carreira de Euclides. O grande escritor, que teve uma das mais infelizes existências destas terras, contou e conta também com um grupo de amigos profundos e imorredouros, que trabalharam e trabalham com afinco na manutenção de sua memória e sua obra.

Alberto Rangel, por exemplo. Ele esteve ao lado de Euclides naquele famoso episódio da Escola Militar em que o futuro escritor, aos 22 anos, foi submetido a Conselho de Guerra, por insubordinação – é

dele aquele lema que se tornou famoso em torno de Euclides, após sua trágica morte: “Por protestos e adoração”. Um acontecimento controverso, com várias versões. Uma delas dá conta de que ocorreu em 1888, quando da visita do ministro da Guerra, general Tomás Coelho, à instituição. Euclides se destacou no meio da formação de cadetes e, jogando seu sabre aos pés do ministro de Pedro II, vociferou: “Jovens da República cortejando ministros da Monarquia”. Preso em seguida, foi o médico Francisco Castro que conseguiu acalmar Euclides, um “espírito nervoso e exaltado”, conta Venâncio Filho.

Sem seu amigo Francisco Escobar, um homem extremamente culto, erudito, sem dúvida Euclides não poderia burilar, finalizar, *Os Sertões* durante sua permanência em Rio Pardo (de 1897 a 1900). Escobar não apenas deu tranqüilidade a Euclides da Cunha, como o abasteceu de livros que serviram de fontes preciosas na confecção do gigantesco trabalho. Foi a ele que Euclides escreveu a famosa carta dizendo que nunca se esqueceria de São José do Rio Pardo (“que saudades da minha barraquinha de zinco, ao lado do rio Pardo”), pois os três anos que passara na cidade trabalhando na ponte e n’*Os Sertões* tinham sido os mais tranqüilos de sua existência.

Que a vida de Euclides foi uma página de lamento do gênero humano não se tem muita dúvida. Venâncio Filho observa que ele foi um “sujeito de altos e baixos, que nunca teve ambiente doméstico”, acrescentando: “todo mundo dizia que a casa dele era mal arrumada”. E exemplifica narrando que certa vez o escritor, ao visitar um amigo, viu sua esposa (dele) cerzindo uma roupa. Conta-se que Euclides ficou espantado com aquilo, pois nunca tinha visto alguém cerzir roupa. “Por esse fato, é possível avaliar que tipo de vida Euclides da Cunha levava”, diz Venâncio Filho.

Outro acontecimento une Euclides e o escritor Coelho Neto. Euclides não o conhecia e foi levado até ele por um amigo comum, César Bierrenbach, para ler algumas páginas de *Os Sertões*. No momento em que ele começou a ler um capítulo, Coe-

lho Neto se levantou para pegar um pote de fumo para fazer um cigarro. Euclides se levantou intempestivamente e saiu. Coelho Neto, sem nada entender, ficou vendo Bierrenbach rir do acontecido. Até que o amigo lhe explicou que haviam dito a Euclides que, quando Neto queria se livrar de um chato, ele pegava o pote de fumo. Disse então Bierrenbach: “Escreva uma carta, um bilhete, que ele vai se acalmar”. Dito e feito, à noite Euclides voltou e leu um capítulo para Coelho, que ficou encantado com a qualidade do texto.

Já no fim da vida, quando já eram amigos muito próximos, certa vez Euclides foi num dia de chuva à casa de Coelho Neto e deu, de forma delicada, uma demonstração clara e melancólica de sua infelicidade. Chegou todo molhado e conversando com a esposa do escritor, dona Gabi, perguntou a ela se conhecia a história do pássaro de Taine, que chega todo molhado e se acolhe por instantes numa residência, repousa um pouco e volta para a tormenta: “Eu sou como esse pássaro”, teria dito Euclides.

Já na história da publicação de *Os Sertões*, conta Venâncio Filho que outro amigo de Euclides, Garcia Redondo, enviou uma carta a outro grande amigo do escritor, Lúcio Sussekind Mendonça, que o apresentou aos diretores da livraria Laemmertz. Como os editores achassem estranho um calhamaço tão singular sobre o próprio Brasil, não quiseram bancá-lo e Euclides teve de pagar do próprio bolso 1.500 contos de réis para a impressão da primeira edição. Quando o livro estava para sair, Euclides, com receio da acolhida por parte de público e crítica, foi inspecionar algumas obras no interior de São Paulo. Ao voltar, encontrou duas cartas do editor. Abriu primeiramente a segunda carta e lá dizia que o livro era um enorme sucesso e que já se preparava a segunda edição, pois a primeira se estava esgotando. A primeira carta, anterior, por sua vez, observava que a obra era um fracasso e que eles, editores, estavam pensando em distribuir o volume nas livrarias, como refugio. Sobre esse acontecimento, Euclides afirmou: “Se eu tivesse lido a primeira carta, teria me matado”.

Outra notícia sobre Euclides, segundo Venâncio, chega através de Afrânio Peixoto, que foi muito amigo de Roberto Simonsen, neto de Wallace Cochrane Simonsen, então chefe da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo, da qual Euclides era engenheiro. Roberto Simonsen, que o conheceu aos 9 anos, conta que Euclides lhe causou uma impressão diferente de todas as pessoas que freqüentavam a casa do avô.

Pergunto a Alberto Venâncio Filho o que lhe parece ser o mais importante n’ *Os Sertões*. Sua resposta é rápida e precisa: “Naturalmente, o sentimento de brasilidade”. E cita Roquette Pinto, para quem o livro é “a Bíblia da nacionalidade brasileira”. Venâncio insiste em observar que “virou moda criticar o zelo científico de Euclides da Cunha”. Evidentemente, diz, Euclides só po-

**O historiador
Francisco
Venâncio Filho**



dia conhecer a ciência de seu tempo. E acrescenta: o que ele desenvolve no livro? A autoc-tonia do homem americano e o esmagamen-to das raças fracas pelas raças fortes – “o que era conhecido no seu tempo”.

O euclidiano discorre ainda com meti-culosidade sobre vários assuntos, inclusi-ve a nomeação de Euclides pelo barão do Rio Branco (no encontro entre ambos, con-versaram até de madrugada) para chefiar a missão do Alto Purus. E após uma hora e meia de exercícios de memória e notícias sobre seu pai, Euclides e os amigos, Alberto Venâncio Filho finaliza a entrevista de um modo singular e, a seu jeito, revelando o enorme entusiasmo que mantém viva a cha-ma do euclidianismo: “Apesar do tempera-mento áspero e difícil, Euclides conservou um número enorme de amigos que o aprecia-vam e admiravam. Desde os amigos da ju-ventude, como Alberto Rangel e Lauro Müller, ao grupo de São Paulo, com Garcia Resende, Júlio Mesquita e Plínio Barreto; e o círculo literário do Rio de Janeiro, com Machado de Assis, Oliveira Lima, José Veríssimo, Domício da Gama, Lúcio Men-donça. Além do barão do Rio Branco, que o conservou como auxiliar durante muito tem-po e, embora em relações cerimoniosas, ti-nha por ele a maior estima”.

Em tempo: Alberto Venâncio Filho foi o conferencista da Semana Euclidiana de 1982. Sua fala teve justamente o título “Francisco Venâncio Filho e o movimento euclidianista”.

NOVA FRIBURGO: O LAR DOS DESCENDENTES DE EUCLIDES

Antes de ir para o Rio, Alberto Venâncio Filho tinha me alertado por telefone: “Se você quer saber da vida do Euclides, não pode deixar de falar com o Joel Bicalho Tostes”. Segui seu conselho e fui dar com os costados em Nova Friburgo, onde tive o prazer de travar conhecimento com a pes-soa que talvez melhor conheça a triste vida de Euclides da Cunha.

Encontro Joel na rodoviária de Nova Friburgo, às três horas da tarde do mesmo dia. Ele não aparenta os 77 anos que tem. O conferencista da Semana Euclidiana de 1987 é magro e fala mais para o alto do que para o baixo. Antes de mais nada, Joel Bicalho Tostes é acolhedor, ótimo conver-sador – ao sair da cidade, três horas depois, eu ficaria com a impressão de que poderia passar a noite proseando com ele sobre Euclides, seu tema favorito e que ele co-nhece a fundo, depois de quarenta anos de pesquisa.

Seguimos para sua casa num Chevette companheiro. Joel é viúvo de Eliethe, uma das filhas de Manoel Afonso, por sua vez o terceiro filho de Euclides – e o único a não morrer de morte “matada”. Entro no sobra-do estilo suíço e admiro a sala despojada toda em madeira. Sento no sofá e começa-mos imediatamente. Joel principia dizen-do de maneira significativa: “Nós não estamos à altura do interesse literário de Euclides, mas a vida pessoal de Euclides, para a família, é importantíssima, na medi-da em que ele foi injustamente atacado”. Do momento dessa frase em diante, Joel Bicalho Tostes fará uma defesa cerra-díssima da memória de Euclides, inclusive defendendo – como se verá – uma versão completamente original a respeito da mor-te de Euclides.

Ele principia me afirmando que, embo-ra a família de Euclides nunca tenha reba-tido as inúmeras críticas de Dilermando de Assis, por achar o silêncio mais eloqüente, as coisas mudaram de figura em 1987, quan-do foi publicado o livro *Anna de Assis – História de um Trágico Amor*, do jornalista Jeferson de Andrade, ditado pela filha de Dilermando, Judith de Assis. O volume provocou estardalhaço na imprensa e tra-zia “sérias calúnias à memória de Euclides, o que motivou um conselho de família – chegamos à conclusão de que deveríamos fazer alguma coisa”. O resultado prático foi o surgimento do livro *Águas de Amargura – O Drama de Euclides da Cunha e Anna*, depoimento de Joel Bicalho Tostes ao euclidianista Adelino Brandão (Rio Fun-do Editora).

E quais foram as calúnias apontadas no livro? Em primeiro lugar, um fato brutal: o de que Euclides teria enterrado o próprio filho Mauro no quintal de sua casa em 1907, após separar Anna num quarto e o filho no outro por mais de uma semana. “Uma barbaridade sem tamanho que nos chocou a todos, mesmo porque, com uma acusação como essa, se acusa também a própria Anna. O que ela deveria fazer caso isso fosse verdade? Ao sair do suposto confinamento, ela deveria ir até a polícia e dizer ‘meu marido enterrou meu filho no quintal’. O que ela não fez. Além disso, Anna continuou vivendo por mais dois anos com Euclides, até 1909.”

Joel conta que em suas pesquisas localizou o atestado de óbito de Mauro e fez questão de publicar no livro de Adelino Brandão tanto o atestado de óbito de Mauro (lá está como causa da morte: “debilidade congênita”) quanto o documento de sepultamento da criança no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Outra história contida no livro de Judith de Assis repugnou a família de Euclides. Foi o fato de que pouco antes de morrer, e já tuberculoso, o escritor teria pego uma bacia com o sangue de uma hemoptise sua e teria dito a Anna o seguinte: “Se você me ama, bebe este sangue”. “Ora”, diz Joel Tostes, “isso é de arrepiar, pois é chamar Euclides, além de corno, burro e idiota. Além do que com isso se depõe contra a própria Anna, que diante de uma proposta maluca como aquela deveria ter abandonado imediatamente Euclides”.

Joel conta que entre os descendentes de Euclides nunca ninguém se voltou contra Anna por ela tê-lo abandonado para ficar com Dilermando. Só tinham, diz ele, uma mágoa muito grande: quando Manoel Afonso morreu, em Cordeiro, o sogro dele avisou a Anna do ocorrido e pôs à sua disposição um carro para levá-la até a cidade. Ela não foi, e mandou dizer a ele que comprasse e colocasse, em nome dela, uma coroa de flores no caixão do filho. Diante disso, o sogro de Manoel Afonso, um chefe político de Cordeiro, chegou a dizer: “Essa mulher nunca mais põe os pés aqui na cidade”. Pa-

rece ser esse o único desgosto dos netos e bisnetos de Euclides com relação a Anna.

Procuro saber da morte de Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, que também foi morto a tiros por Dilermando: “Quidinho premeditou o encontro com Dilermando e morreu a 16 de julho de 1916. Ele deixou uma carta de despedida, um bilhete relacionando todas as pessoas a quem ele devia, e o dinheiro para pagá-las”. Joel conta que Quidinho foi ao fórum, pois havia uma pendência em torno de Manoel Afonso sobre este ir viver com Anna e Dilermando, o que o jovem não queria de modo algum. Ele devia saber que Dilermando estava lá, sentado numa bancada, examinando o tal processo. Quidinho puxou do revólver e começou a atirar. Diz Joel: “É um milagre que Dilermando não tenha morrido no tiroteio com Euclides pai; e outro milagre que não tenha morrido no tiroteio com Quidinho”.

O fato é que, apesar dos vários ferimentos, Dilermando conseguiu sair até a rua, “onde arrancou a arma e voltou. Quidinho, sem bala e vendo o oponente de revólver na mão, procurou se proteger atrás de um escrevente, que fugiu. Dilermando fulminou Euclides Filho”.

Já são quase cinco horas e meu ônibus deve retornar às seis horas. A efervescência de tantos e tão trágicos acontecimentos vibra à nossa volta, enquanto vou tomando minhas notas. Fico sabendo da morte de Solon, o filho mais velho, assassinado em maio daquele mesmo 1916 em Tarauacá, no Acre, durante uma batida policial comandada por ele. E entro, finalmente, na morte de Euclides da Cunha.

Nesse ponto, Joel Tostes tem uma visão original sobre o que ocorreu no bairro da Piedade, naquele fatídico dia 15 de agosto de 1909 – um domingo. Para ele, a despeito de Dilermando ser campeão de tiro do Exército, Euclides foi atraído para uma cilada, que contou involuntariamente com a participação do filho Solon – pois Solon fora no dia anterior com Anna para a casa de Dilermando levando consigo o revólver de Euclides. Na opinião de Joel Tostes, isso explicaria a calma com que Dilermando, ao ouvir Euclides bater palmas no portão

de sua casa, fala a seu irmão Dinorah: “Mande ele entrar”.

Ouçamos o que diz Joel Tostes: “Você acha que um amante (Dilermando), que está com a mulher (Anna) do camarada em casa, por muito valente que seja, não vai tremer quando o marido chegar? Dilermando estava na maior calma porque sabia que aquele homenzinho de 1,52m, raquítico, enfezadinho, estava desarmado”.

O fato é que Euclides estava armado (ele passara na casa de um primo e pegara com ele um revólver calibre 22 dizendo que queria matar um cão hidrófobo que estava rondando sua rua) e chegou a acertar Dilermando no tiroteio em que Dinorah

também foi alvejado. Com uma bala no braço esquerdo e outra na mão direita, Euclides saiu capengando da casa em direção ao portão. Um tiro de Dilermando pelas costas acabou por selar-lhe a sorte. Conta-se que, estando Euclides agonizante, Anna e Solon apareceram e ajudaram a levar o moribundo para o quarto, onde o puseram numa cama. Lá, após tomar um cálice de vinho do Porto, Euclides teria dito antes de expirar: “Te odeio. Perdô-te”.

Para Joel Tostes o “perdô-te” foi para Solon, que lhe levava a arma, e o “odeio-te” para Dilermando. Solon na época tinha 15 anos e, conta Joel Tostes, era muito amigo tanto de Dilermando quanto de Dinorah. A respeito deste último, sabe-se que seu ferimento não foi sério, pois uma semana depois ele participou de um jogo do Botafogo, em que jogava como zagueiro.

No caminho de volta, até a rodoviária, eu e Joel Bicalho Tostes continuamos falando sobre a vida de Euclides. Antes de subir no ônibus, ele observou que eu não tinha tido tempo algum para conhecer a cidade. E gentilmente me convidou para que voltasse a Nova Friburgo com mais tempo numa próxima ocasião.

RIO PARDO: O TEMPLO EUCLIDIANO

Se você quer saber alguma coisa de Euclides da Cunha, se você quer beber alguma coisa de Euclides, você precisa ir a São José do Rio Pardo. Não importa que fique meio longe (exatamente a 260 km de São Paulo. Nas primeiras décadas do século passado, o grande euclidianista Francisco Venâncio Filho costumava brincar em família dizendo: “Por que Euclides não escreveu *Os Sertões* em Guaratinguetá?”). Era muito mais perto do Rio de Janeiro, onde ele morava e fácil de ir).

Pois foi numa manhã ensolarada – era uma terça-feira, 18 de junho – que segui para a cidade que mantém viva a chama euclidiana. Que eu saiba, não há cidade

Monumento a Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo

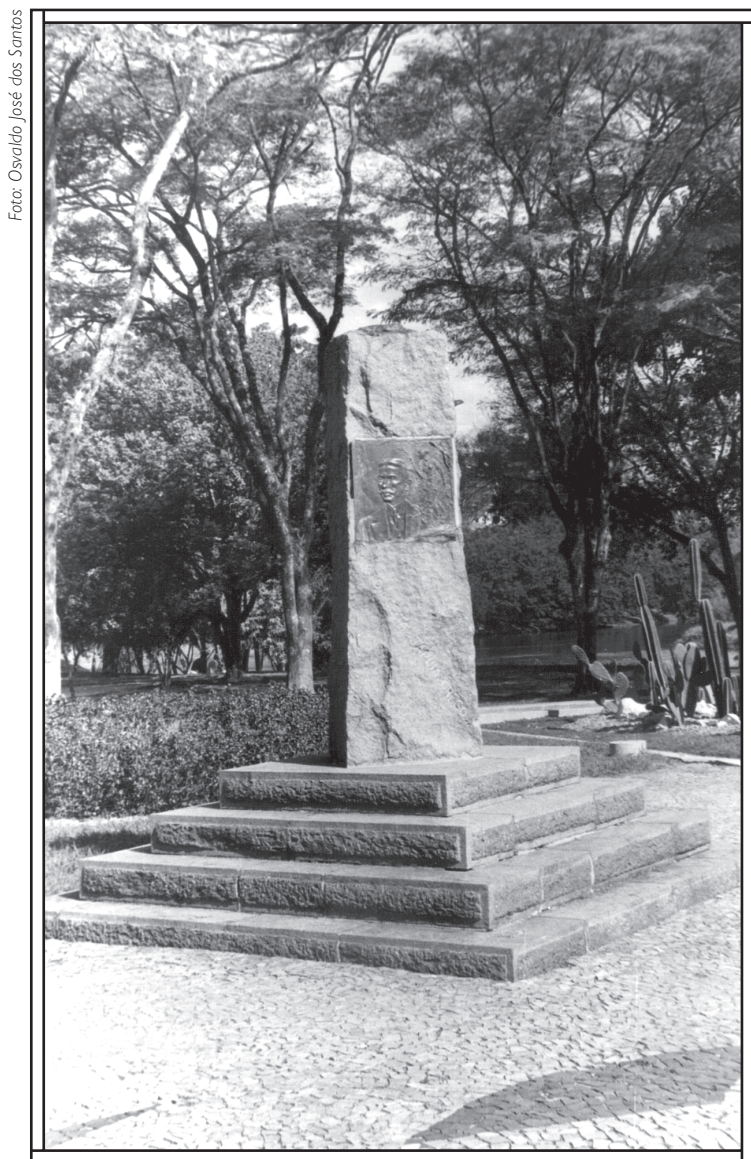


Foto: Osvaldo José dos Santos

similar no planeta. Não há qualquer registro de escritor no mundo que seja idolatrado, lustrado e glorificado como o caso de Euclides em Rio Pardo. Para se ter idéia, basta dizer que a barraquinha de zinco – com as mesmas placas de zinco originais – lá está, passado mais de um século de existência (só isso já daria o que pensar) ao lado do Rio Pardo e da ponte de metal famosa.

Eu esperava uma cidade acolhedora e não me decepcionei: os euclidianos da cidade – os bons euclidianos da cidade! –, se te olham primeiro com uma certa natural reserva, passados alguns minutos já começam a derramar Euclides se percebem o ouvido atento. O famoso sobrado da Rua 13 de Maio – esquina com Marechal Floriano –, onde Euclides viveu enquanto esteve na cidade, foi tombado e hoje nele funciona a Casa de Cultura Euclides da Cunha, a qual abriga, por sua vez, o Grêmio Euclides da Cunha.

Quando cheguei, o edifício estava em obras e fui recebido por Álvaro Ribeiro de Oliveira Neto, atual diretor da Casa e ex-professor e diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Pardo. É uma figura afável, alta, de voz serena, cavanhaque. Passados os cumprimentos – e como o sol já vai alto – iniciamos sem mais. Pergunto-lhe como se deu sua chegada ao movimento euclidiano. Ele principia falando do que me levou propriamente à cidade: a Semana Euclidiana, realizada todo ano no período de 9 a 15 de agosto (15 de agosto, data da morte de Euclides): “A Semana Euclidiana”, me diz ele, “foi criada em 1938 pelo dr. Oswaldo Galotti, porque o movimento propriamente dito existe desde 1912 e era realizado em apenas um dia. Por coincidência, ele era meu tio”. Ou seja, Álvaro foi “quase” criado dentro da Semana Euclidiana.

O dr. Galotti é uma figura de proa no movimento euclidiano. Basta dizer que durante um bom tempo as semanas foram realizadas em sua casa e que foi sob sua responsabilidade que ocorreu o traslado dos despojos de Euclides da Cunha, do Rio de Janeiro para Rio Pardo, em 1982.

Fico sabendo que Álvaro já está no ter-

ceiro período como diretor da Casa de Cultura – o cargo é de confiança, tem a duração de quatro anos e depende da nomeação do prefeito em exercício. Ele diz não se recordar muito bem, mas seu primeiro mandato ocorreu por volta de 1980. Sobre a Casa Euclidiana, além de nela ter nascido o terceiro filho de Euclides, Manoel Afonso, sua função “é manter a imortalidade do escritor Euclides da Cunha, preservar sua memória, enquanto escritor e enquanto engenheiro”.

As comemorações patrocinadas pela Casa Euclidiana, ele diz, ocorrem em quatro datas anuais: 20 de janeiro, data de nascimento de Euclides da Cunha; 18 de maio, inauguração da ponte; a Semana Euclidiana, de 9 a 15 de agosto; e 2 de dezembro, data considerada correta do lançamento d’*Os Sertões*. O público-alvo da Semana Euclidiana, Álvaro explica, são os estudantes e principalmente os professores. A Casa, que foi criada oficialmente em 1946 por outro nome ilustre de Rio Pardo, José Honório de Silos, promove ainda recitais e exposições, além de ter seu acervo freqüentemente renovado e prestar atendimento a pesquisadores dos assuntos euclidianos. Neste 2002 está sendo criado ainda o Centro de Estudos e Pesquisas Euclidianos Oswaldo Galotti.

Outro nome vem à tona: Hersílio Ângelo, criador da Maratona Intelectual Euclidiana em 1940, que acontece durante a Semana. Márcio José Lauria (a quem entrevistarei mais à frente) e Dermal Camargo de Monfrê, em 1960, criaram os Ciclos de Estudos Euclidianos.

Voltando à atualidade d’*Os Sertões*, Álvaro observa que a obra genial, já traduzida para 16 idiomas, em 2001 teve uma segunda versão para o holandês por August Willensen (a primeira é de 1954). Berthold Zilly, em 1994, a traduziu para o alemão. Ambos estavam sendo aguardados para as festividades da Semana deste ano. Como também o tradutor Antoine Seel, que trabalhou em colaboração com Jorge Coli na segunda tradução para o francês. “Como se vê, as traduções recentes atestam a atualidade d’*Os Sertões*.”

Sobre a Semana, Álvaro explica que ela

está preocupada com as atividades culturais, mas que paralelamente existem atividades esportivas e sociais – tradicionalmente, desde sua criação. A proposta é dar oportunidade às pessoas de participarem, cada um com seu interesse. As atividades culturais são baseadas em ciclos de estudos euclidianos e – mais importante – voltados para alunos de todos os níveis (o fundamental – sétima e oitava séries –, o ensino médio e o ensino universitário). O diretor calculava que neste ano haverá cerca de 400 inscrições de estudantes de várias partes do país. Há ainda as oficinas culturais, que abrangem outras áreas da cultura: dança, teatro, artes e vídeo. Este ano contará ainda, a título de experiência, com um curso de oratória de assuntos euclidianos.

Após a conversa (já são quase duas horas), Álvaro me acompanha ao que é conhecido como o “recanto euclidiano” de Rio Pardo – um local com “aura”. Ali está a rústica cabaninha de zinco, ao lado do Rio Pardo, e a famosa ponte de metal trabalhada por Euclides da Cunha naqueles três anos em que ele lustrou sua obra máxima. Ali está o obelisco feito pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em 1918, a primeira ho-

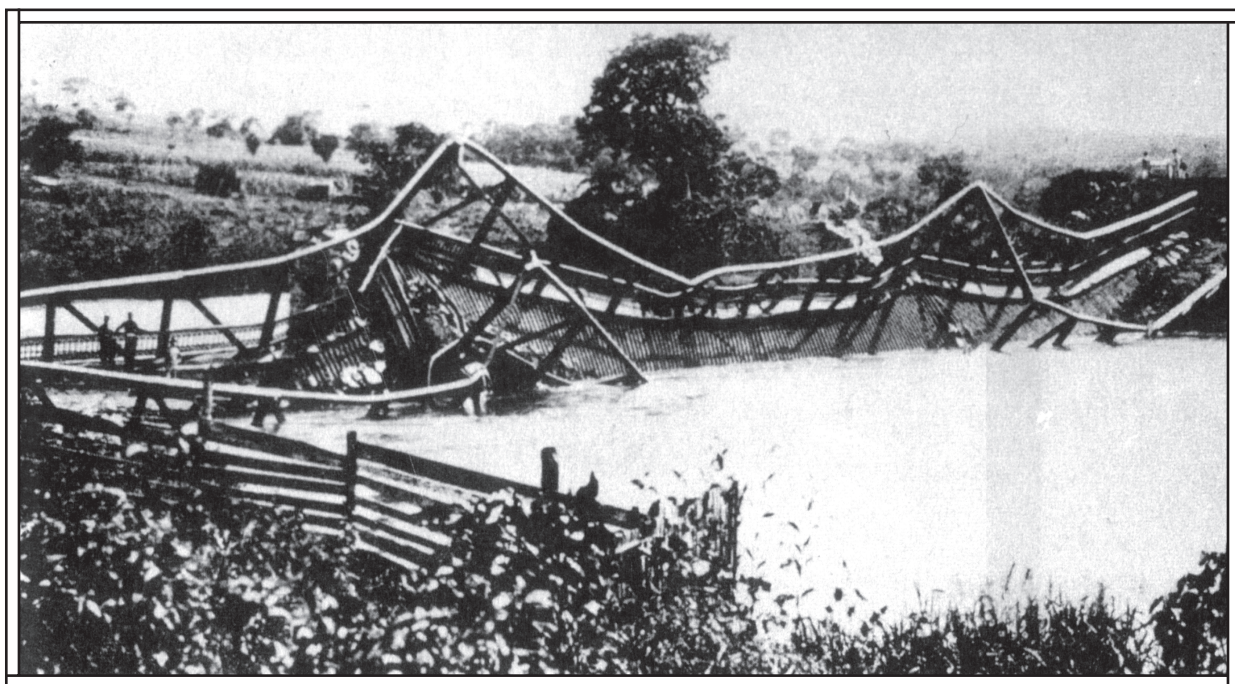
menagem pública ao grande escritor. Ao lado, ou à frente, o mausoléu onde estão os despojos de Euclides pai e Euclides filho (o Quidinho).

Fico impressionado com a cabaninha de 2 m x 2 m. Imaginava um recinto mais amplo, com uma mesa longa para caberem os incontáveis livros de consulta usados pelo escritor. Fico sabendo que nos dias de muito calor Euclides tirava o zinco das laterais e escrevia quase a céu livre, a famosa paineira, ainda viva, ao lado. Uma mesa tosca, uma banquetta, uma prateleira: é tudo que dá pra ver através do vidro da redoma que entroniza a barraca.

Conversa com um historiador rio-pardense

Voltamos à Casa de Cultura Euclides da Cunha, onde me encontrarei com Rodolfo José Del Guerra, historiador e um dos grandes conhecedores da trajetória de Euclides na cidade. Ele é autor do opúsculo *Conhecendo Euclides da Cunha – Ano 100 (1898-1998)*, que tenho em mãos.

Ponte sobre o Rio Pardo, que Euclides reconstruiu



Del Guerra é um homem jovial, alegre, que me cumprimenta quase calorosamente. Sua voz é franca, aberta. Ele principia dizendo ser a famosa ponte de ferro de Rio Pardo uma reivindicação antiga dos habitantes da cidade, que na época precisavam atravessar de balsa o rio para levarem o café da região até a estação ferroviária. Em 1897, o governo deu a ponte de presente à cidade e ganhou a concorrência para montá-la Arthur Pio de Deschamps de Montmorency, que construiu na cidade também a primeira usina hidrelétrica da região.

Rodolpho conta que a ponte chegou da Alemanha, de trem, em três partes. Inaugurada em 3 de dezembro de 1897, 50 dias depois, com as chuvas de janeiro, ela emborcou. “Foi um escândalo nacional”, conta o historiador, “uma obra tão cara desmoronar daquela forma”.

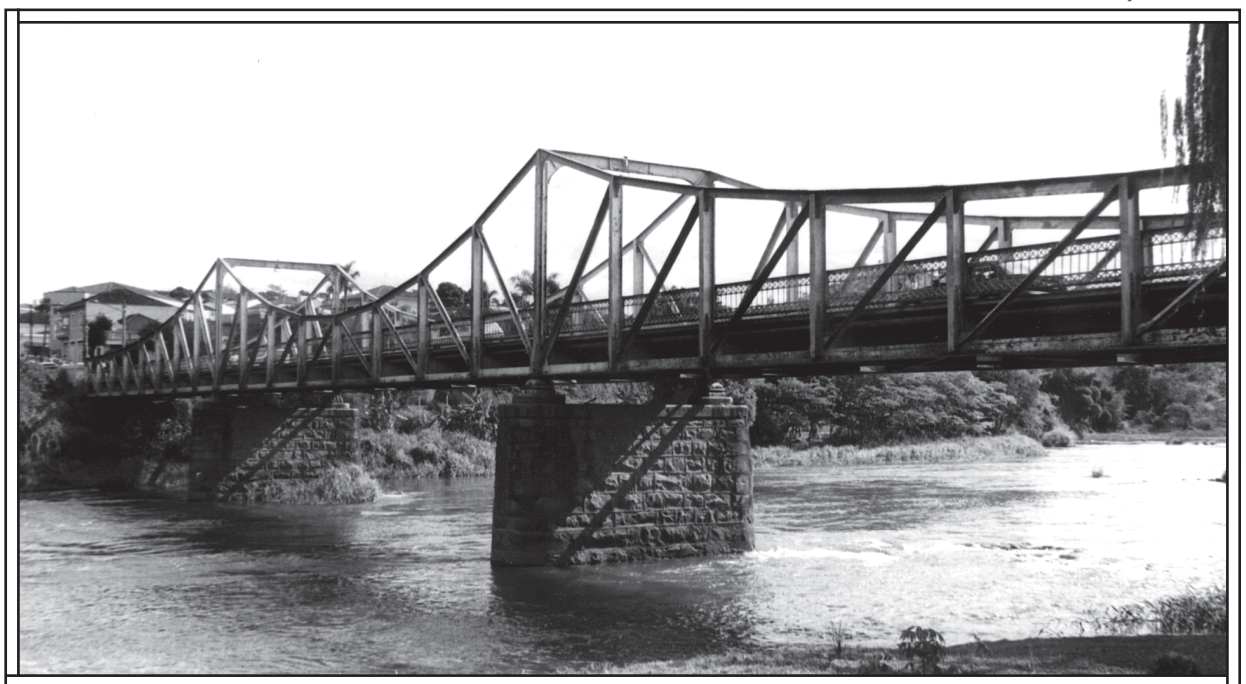
Naquela época, Euclides da Cunha já tinha abandonado a carreira militar, já tinha voltado de Canudos e era funcionário da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo, considerada causadora do desastre pelos jornais. Euclides, engenheiro fiscal da Superintendência, embora licenciado desde agosto de 1897, veio a Rio Pardo para ver ao vivo o desastre e solicitou

a seu chefe, Gama Cochrane, que o deixasse reconstruir a já famosa ponte caída.

“Em fevereiro de 98, Euclides já estava em Rio Pardo e em março chegou a família: Anna com os filhos Solon e Euclides Filho, o Quidinho”, conta Rodolpho. Nessa época foram morar em outra casa da 13 de Maio, em frente ao bar de um italiano, Silvio Dan, onde os imigrantes se reuniam para beber e jogar, fazendo uma gritaria danada num jogo chamado “jogo do morra”. Com o berreiro, Euclides não conseguia nem ler nem escrever. Conta-se que uma noite ele, muito nervoso, saiu armado, para resolver a situação. E procurou Francisco Escobar, que era o intendente (prefeito), para protestar. Logo depois, o bar de Dan se mudou para outra região da cidade e Euclides, por sua vez, foi com a família para onde funciona hoje a Casa de Cultura Euclides da Cunha.

Conta Rodolpho que Euclides seguia uma rotina sagrada: ele saía de casa às seis horas da manhã e ia ao recanto onde se reconstruía a ponte. Um funcionário, o negro Benjamin, britador, é quem pegava sua refeição. Enquanto supervisionava os trabalhos da ponte, escrevia na cabaninha a obra que o iria imortalizar. Só voltava para casa ao anoitecer.

Foto: Osvaldo José dos Santos



O trabalho foi enorme: em primeiro lugar, ele desmontou a ponte e a montou num canteiro de obras – onde hoje existe um campo de futebol, ao lado do recanto; e tornou a desmontá-la para aí sim a estruturar definitivamente a 60 metros a jusante do ponto original. Nesse meio tempo, ele construiu sobre o rio uma ponte provisória de madeira. Uma história pitoresca dá conta de que Euclides, colocando uma armação cilíndrica no rio e puxando a água com bomba, convidou o prefeito e várias personalidades da cidade para lá, dentro – entravam e saíam por uma escada –, sobre a laje que sustentaria um dos pilares, tomarem uma cerveja “marca barbante”. Conta Rodolpho que na ocasião Euclides bebeu água mineral.

Outra notícia informa que certo dia Euclides estava escrevendo quando sucedeu uma ventania e várias tiras de seu livro foram parar no rio. O escritor engenheiro gritava para os trabalhadores nas margens: “Vou perder meu trabalho de muito tempo”. Conseguiu recuperar muitas tiras.

Em 18 de maio de 1901 a ponte foi reinaugurada e Euclides “vai embora pobre e desconhecido”, narra Rodolpho, levando aquele calhamaço à procura de uma editora que bancasse a obra. Suas tiras foram todas passadas a limpo, pois sua letra era um garrancho. O nome do copista: José Augusto Pereira Pimenta, um comerciante da cidade.

Conta-se que, quando Euclides chegou na editora Laemmert, *Os Sertões* estava sobre o balcão. Ao folheá-lo, o escritor se desesperou com os erros de revisão. Os 80 erros de revisão encontrados, Euclides raspou um a um com canivete, fazendo a correção com tinta nanquim. (Cheguei a ver um exemplar da primeira edição d’*Os Sertões* na Casa de Cultura, e as correções são quase imperceptíveis.) Rodolpho calcula que, se a edição teve mil exemplares, então foram 80 mil correções, o que demonstra a meticulosidade do escritor.

O genial autor, numa dada versão, nunca voltaria a Rio Pardo. No primeiro aniversário da ponte, escreveu aos amigos pedindo-lhes que fossem até o recanto e dele se recor-

dassem. Noutra versão, conta-se que Euclides, sabendo de uma frincha num pilar da ponte, escreveu a Escobar pedindo que fosse ver do que se tratava. A história diz que ele chegou antes da carta e observou que na verdade a tal frincha nada mais era que um risco com colher de pedreiro.

Rodolpho José Del Guerra finaliza a conversa dando inúmeras provas de que, ao contrário do que muita gente diz, ou disse – inclusive a própria Anna, mulher do escritor –, Euclides teria mesmo escrito a maior parte d’*Os Sertões* em Rio Pardo, pois era comum os intelectuais da região, entre eles Humberto de Queirós, se reunirem para ouvir o escritor ler em sua casa as páginas de um livro que se supunha denominar-se “Guerra de Canudos”.

Eu me despeço do historiador de 77 anos, que sai para outro compromisso e me convida jovialmente para retornar à cidade para a Semana. Penso que por falta de convite é que não deixarei de voltar. Preparo-me agora para conversar com a professora Carmem Cecília Trovatto Maschietto, autora de uma dissertação apresentada na UniRio, intitulada “A Construção da Identidade Euclidiana em São José do Rio Pardo: Uma Ponte entre História e Memória” – um belo estudo antropológico sobre a Semana Euclidiana.

A Semana Euclidiana como um encadeamento de mitos

Saímos da Casa de Cultura Euclides da Cunha e vamos até o prédio da Unip, da qual Carmem é diretora. Ela é uma pessoa simpática, de sorriso afável e voz calma, que rapidamente começa a tratar do tema de sua tese: “Meu trabalho”, diz ela, “é a comemoração. Sou nascida em Rio Pardo e, desde a infância, não existe estudante em São José que não se envolva de alguma forma com a comemoração. Sempre me dediquei à parte histórica – desde a década de 70”. Ela conta que de 1983 a 88 foi diretora da Casa Euclides de Cunha e que sempre

gostou da organização do evento.

Carmem observa que a idéia de seu trabalho atual surgiu a partir da conferência oficial da antropóloga Regina Abreu, na Semana de 1998, intitulada “O Enigma d’*Os Sertões*”. A partir do momento em que ela tomou contato com a visão antropológica da obra, Carmem se deu conta de que queria fazer exatamente aquilo em relação à Semana: estudar os rituais, os mitos que se formaram ao longo de sua existência. Foi, então, buscar orientação segura no curso de mestrado. Seu trabalho se inscreve na perspectiva da Memória Social, pois na verdade é um resgate de memória. Ela estudou a Semana desde o seu início, em 1912 (“quando era uma cerimônia fúnebre, sempre no dia 15 de agosto – aí se formou a famosa tradição da romaria cívica até a cabaninha de zinco”), até o presente.

O formato da Semana atual, durando sete dias, começou em 1938. A historiadora conta que tradicionalmente a Semana Euclidiana começa no dia 9 de agosto com um desfile de abertura quase carnavalizado – uma mistura de parada cívica com militar, em que a sociedade está se mostrando. Essa carnavalização atual teve início nos anos 80, justamente quando foi inaugurado o Sambódromo, Carmem observa. Dessa forma, o desfile da abertura seria uma cerimônia de anunciação, um rito de passagem.

Em oposição, a romaria cívica passa a ser o rito de encerramento. Pergunto a ela em que ano fizeram a redoma de vidro sobre a barraquinha – “1928, Rio Pardo é a Meca do Euclidianismo”, ela observa, “não deixa de ser um culto cívico”.

Pergunto à historiadora como ela imagina que surgiu toda essa mitologia sobre Euclides em Rio Pardo. Para ela, a resposta é simples. Duas coisas importantíssimas estiveram associadas: a ponte de metal e a feitura d’*Os Sertões* (“foram obras gêmeas”). Além disso, o assassinato de Euclides abalou a cidade, mesmo porque, diz a historiadora, a morte “matada”, no começo do século XX, era uma coisa indigna. O fato é que houve uma indignação geral, pois Dilermando foi absolvido.

No início, os amigos de Euclides, como

Alberto Rangel e Coelho Neto, iam até seu túmulo e juravam vingá-lo e imortalizá-lo (“daí o ‘por protestos e adoração’ de Alberto Rangel: por protestos, contra a absolvição do matador, e por adoração a homenagem viva ao grande escritor”). Carmem lembra que a grande meta dos amigos do Rio de Janeiro era construir um busto de Euclides no morro da Babilônia.

E é nesse momento que chega a notícia de que em Rio Pardo também havia um culto, desde 1912 (amigos remanescentes como José Honório de Silos e Pascoal Artese vão lembrar Euclides). E é então que o grupo do Rio de Janeiro se aproxima de São Paulo e Rio Pardo – Francisco Venâncio Filho cria no Rio o Grêmio Euclides da Cunha.

Carmem Maschietto observa que o processo de sacralização de Euclides em Rio Pardo recebeu forte impulso em 1925, quando o 15 de agosto é transformado em feriado. Assim, a caracterização do culto se amplia: há o desfile; há a conferência oficial (no dia 14), religiosamente às 20h; há a romaria no dia 15, sempre às 14h. Além disso, há a Maratona Intelectual Euclidiana (a partir de 1940) e os Ciclos de Estudos Euclidianos (1960) – ou seja, os mitos vão sendo renovados.

Carmem observa que a Semana evoluiu e que ela chegou a contar, inclusive, nos anos 40, 50 e 60, com uma Olimpíada. Para ela, isso se deveu a certo espírito fascista proveniente do Estado Novo: promover o nacionalismo e a ascensão das massas. Assim, a Semana chegou a promover o “Concurso da Robustez Infantil”, para alunos da 1ª à 4ª série. E também foi instituído na década de 40 o concurso “O mais belo sorriso infantil”.

Outro dado chama a atenção, na Semana. É que, dos anos 40 ao começo dos 80, toda noite era comemorada com um baile (“Baile da Moda, do Algodão, do Chalé Branco, da Rainha dos Estudantes, do Dia 15/8”). O que provocou campanhas contra, como a do jornalista Pascoal Artese ou ainda o comentário de Agripino Grieco, conferencista da Semana de 1958: “A vida atribulada e profundamente infeliz de

Euclides da Cunha tem servido de pretexto para uma gorda semana de bailes”. Carmem observa que os bailes terminaram porque custavam caro. Era necessário gastar com orquestras, roupas. Ou seja, acabaram por razões práticas.

Assim, o que ocorre verdadeiramente na Semana é que o compromisso com a memória de Euclides possibilita à cidade se comemorar a si mesma – “é a coletividade que se mostra; é um jogo de interesses e uma ritualização da história, atualizando-se de acordo com os tempos”. Ou seja, a Semana Euclidiana, considera Carmem, é um verdadeiro patrimônio imaterial da nação e da humanidade.

Para encerrarmos a conversa, que a noite vem chegando, peço a Carmem Maschietto que conte alguma história pitoresca da cidade. Ela cita dois episódios: um dizendo respeito a Rubem Braga e outro a Monteiro Lobato (ambos documentados em sua tese). Conta-se que Rubem Braga esteve na cidade em 1940 (tinha 28 anos e fama de mal-humorado e terrivelmente crítico) como cronista d’*O Estado de S. Paulo*, para cobrir a romaria cívica do 15 de agosto. Ele teria escrito em “A Cabana de Euclides”: “Chego cansado, suado, e vejo um bando de gente pobre a comer poeira e a ouvir discurso como em qualquer festa popular”. E compara a romaria a uma festa religiosa de Pernambuco. A mesa da cabana seria o altar, o estandarte do Grêmio Euclides da Cunha seria o Estandarte do Divino e a cabaninha poderia ser vista como uma capelinha.

Já Monteiro Lobato não esteve na Semana, mas deve ter conhecimento do fato, pois, convidado pelos alunos do Ginásio Euclides da Cunha para ser o paraninfo do grêmio estudantil que receberia seu nome, respondeu num estilo cerimonioso mas com seu humor irreverente: “São José é a única cidade que me mete medo, por causa do Euclides. Não sei nem como me dirigir às pessoas aí: sua excelência, sua truculência, sua euclidência rio-pardana...”. Em 2001, Hersílio Ângelo, o mentor da Maratona Euclidiana, já com 92 anos, comentou sobre a opinião dos dois: “É, de alguma maneira e

em certo sentido, eles tinham razão”.

São quase seis horas da tarde e já avançamos, e muito, o nosso horário. Eu e Oswaldo José dos Santos, o fotógrafo da empreitada, vamos saindo enquanto anoitece. E, como é Copa do Mundo, pergunto por desencargo de consciência para o bedel qual o resultado de Itália x Coréia, jogo daquela manhã – tínhamos acompanhado a partida até os 30 minutos do segundo tempo e a Itália vencia por 1 a 0. Que surpresa: Coréia 2 x 1, com o chamado gol de ouro. Pergunto se ele não se enganou, ainda espantado. Não, o resultado era esse mesmo. Penso, então – não sem certo contentamento –, que nem todos os mitos sobrevivem.

42 anos de estudos euclidianos

Acabei conseguindo falar com o professor Márcio José Lauria somente às oito da noite, no hotel. Ele é corpulento, tem o riso franco e olhos diretos. Começa dizendo que o fato de Euclides ter passado uma boa temporada em Rio Pardo possibilitou aos estudantes começarem a estudá-lo pela biografia.

Professor de Teoria Literária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (há 40 anos), onde fundou a cadeira de Estudos Euclidianos, e criador em 1960 dos Ciclos de Estudos da Semana Euclidiana, Márcio Lauria leciona também na Unip de Rio Pardo. E mesmo com um trabalho que se poderia chamar de corpo-a-corpo com os alunos mais novos, ele vai avisando: “De modo geral, as pessoas que lidam com literatura se esquecem de que os grandes livros não foram feitos exatamente para a leitura de jovens”.

Vai daí seu empenho ao longo dos anos e Semanas Euclidianas no sentido do estudo biográfico de Euclides. Ele observa que o que se procura despertar na Maratona é a importância de Euclides e sua aproximação com São José. Em Rio Pardo começa-se o estudo pelo homem, pois isso permite uma forte carga de afetividade. Que Euclides seja um autor difícil para os estudantes, isso não

há dúvida – “daí a abordagem biográfica, os rudimentos do estilo, da técnica literária”.

Lauria, por outro lado, não vê na biografia do escritor seu ponto mais alto. Certamente, ele se localiza na obra e, mais especificamente, n’*Os Sertões*. “A perenidade não está ligada aos lances da vida de Euclides”, diz Lauria, que o coloca ao lado de Machado de Assis, como os dois maiores escritores brasileiros. “Em Machado há uma divisão clara, pois para muitos sua obra máxima é *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ao passo que outros acham o *Quincas Borba* superior. Em Euclides há unanimidade.”

Para o intelectual rio-pardense, Euclides parece ser o maior nome da cultura brasileira. Sua grande ligação foi justamente com a História, tanto assim que o subtítulo d’*Os Sertões* é justamente *Campanha de Canudos*. E a obra seria um trabalho de demonstração matemática (“*Os Sertões* são a defesa de uma tese, com base num silogismo”). Assim, a tese euclidiana está lançada quase no início do livro: “Canudos foi um crime. Denunciemo-lo”.

Márcio Lauria discorre longamente sobre a presença de Euclides em Canudos, a serviço d’*O Estado de S. Paulo*: “Euclides foi a Canudos com a intenção nítida de escrever alguma coisa depois. Na verdade, ele foi tolhido pelo desinteresse do Estado na publicação d’*Os Sertões*. Tanto é que depois de 1901, já terminado o livro, ele entregou os originais no *Estado*. Meses depois, quando ele voltou, os originais estavam no mesmo lugar”.

Para o professor, por exemplo, sem o uso de dois recursos retóricos não se entende a construção da frase n’*Os Sertões*: a antinomia (ou antítese) e a intensificação (ou hipérbole). Em tom de brincadeira, Lauria nota que, nas tendências teóricas mais recentes, o texto literário é ficcional e, como dizem os formalistas russos, possui literariedade. No caso claro d’*Os Sertões*, “se não há ficção, mas há literariedade, que elemento a agregará? A transfiguração

das palavras”, diz o professor, “do sentido das palavras”. Só a partir de Todorov, ele explica, é possível entender a imagem cinematográfica de Euclides. Ou seja, sem a idéia dominante de que não se pode separar fundo e forma, ou forma e conteúdo, não é possível essa teorização.

Lauria observa entre várias outras coisas que, por exemplo, Euclides só foi conhecer a literatura de Alexandre Herculano em São José. Em carta a Waldomiro Silveira, um contista que estivera papeando com ele na cidade e que lhe emprestou *Lendas e Narrativas*, Euclides é muito claro: “Waldomiro, o Herculano é pesado, mas tem o peso do ouro maciço”.

Nove e meia da noite. O professor Márcio Lauria discorre sobre cada livro de Euclides nomeando a nota dominante de cada um. Em todos eles, uma observação fundamental: “Euclides possuía uma cosmovisão muito aguçada, pois não conseguia analisar nenhum ato sem pensar nas conseqüências para o Brasil”. E, por outro lado, “se Euclides não tivesse morrido assassinado aos 43 anos, ninguém se lembraria dele aqui”, diz Lauria de forma crítica. Após observar que a teoria literária é fundamental para o entendimento de Euclides, Márcio Lauria nota que em Euclides e, principalmente, n’*Os Sertões* se observa com agudeza a “função sintonizadora da literatura”.

Tomamos mais um café e nos despedimos. Acompanho o professor Márcio até a porta do hotel e noto que está bem mais frio. Também ele, cordialmente, antes de ir me convida para voltar por ocasião da Semana. Subo no elevador pensando que 90 anos de Semana Euclidiana é uma façanha para qualquer cidade do mundo, e esta São José do Rio Pardo, com seus cerca de 50 mil habitantes, carrega dentro de si uma energia inquietante. Estou um pouco triste também por notar que o percurso terminou – como todo grande livro, ficamos um pouco tristes ao cerrá-lo. De alguma forma, para meu consolo, me sinto também um pouco euclidiano. O que é uma grande conquista.